

Entre fendas e junções: o psicanalista como escritor

Autora: Patrícia Cabianca Gazire, Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo

Palavras-chave: psicanálise, literatura, grupos, universidade, pandemia

Resumo: A proposta desse trabalho é refletir sobre a função da escrita literária do psicanalista como dispositivo integrador de uma experiência grupal de angústia e cheia de “fendas”. Partirei do relato da experiência de transmissão da psicanálise na universidade no contexto de seminários semanais oferecido pela por mim (psicanalista-professora) a um grupo de residentes de psiquiatria do primeiro ano. O ano foi 2021. O grupo vivenciava momentos de desintegração durante os seminários que ocorriam on-line devido à pandemia de coronavírus. Houve, então, um pedido dos residentes por encontros presenciais fora do contexto das aulas. Num primeiro momento, entendi esse pedido como um desejo de acolhimento e escuta do sofrimento a fim de nomeá-lo. A partir do segundo encontro, caracterizado por brincadeiras, jogos, saraus e conversas, percebi que a demanda era por momentos de encontros prazerosos vividos com humor. Após cada encontro, eu escrevia pequenos contos, crônicas e poemas inspirados nas histórias que vivíamos juntos. Enviava, em seguida, os textos no grupo de whatsapp. A hipótese: é nas “fendas”, momentos de angústia, onde nascem laços afetivos integradores. Nesse sentido, Eros e a pulsão de morte caminham juntos. A escrita literária, como escreveu André Green (Green, 1971), é, por essência, a manifestação da fusão pulsional – vida e morte – na medida em que as palavras precisam ser investidas, desinvestidas e reinvestidas para que ganhem corpo e movimento como narrativa que tece e transforma.